

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.604

Redacção, Administração e Tipografia

Terça-feira, 19 de Fevereiro de 1924

Calçada do Combro, 38-A, 2.º & Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 111

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

A Federação Marítima acaba de dar a sua adesão à C. G. T., o que prova mais uma vez a vitalidade crescente da organização operária

# Uma Formidável Manifestação

O comício de domingo, ao qual assistiram dezenas de milhares de pessoas, constituiu não só a condenação formal da ditadura militar, como da política de burla que se tem feito até hoje

Foi verberada a incúria do governo que ainda não reclamou a libertação dos camaradas Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, delegados da C. G. T. presos em Sevilha

## O povo não quer a ditadura reaccionária mas também não quer a farça dos partidos burgueses

No comício público de domingo, convocado pelo Comité de Coligação republicana-social, para protestar contra a ameaça dum regime de ditadura, produziu-se um facto que dará motivo a ligações erradas.

Quando discursava o dr. sr. João Camoesas, de entre a compacta e numerosíssima multidão que assistia ao comício partiram várias manifestações de desgosto.

As constantes invectivas e os repetidos apertos que acompanharam as palavras do orador tiveram uma razão: justificavam-se plenamente atendendo às circunstâncias do momento e unicamente à ação do partido democrático contra o ditadura.

Os protestos violentos—devemos reconhecer—lo da multidão não eram dirigidos à pessoa do dr. sr. João Camoesas, mas para atingir o partido que ali representava, o qual tem contribuído, muito especialmente, para o caos em que o regime se debate, semendo e preparando a actual situação.

O orador deveria ter notado bem o valor desse espontâneo acto de repúdio do povo. Não foi ferir um homem, fulminou uma facção? Em 13 anos de república, o proletariado recebeu dos homens filiados no Partido Republicano Português, a maior soma de perseguições e tiranias.

A maioria das leis excepcionais foram de autoria e perfilação dos seus membros que às caderas do poder tem sido alcançados.

Se alguns movimentos revolucionários eclodiram foi o ambiente de descontentamento originado pelos processos governamentais adoptados pelos homens que se intitulam igualmente democráticos, quando no fundo não passam de reaccionários.

O P. R. P. conseguiu arranjar um enorme suário de crimes que não será fácil esquecer. Poderão objectar que não se proporcionava o assunto. Puro engano. Todos os momentos são convenientes para fazê-lo reviver, e este melhor do que nenhum.

Não nos daremos ao trabalho de especificar todas as perseguições, tiranias e crimes que pairam reclamando de justiça sob as cabeças dos homens que compõem esse forte partido da república. Basta englobar, porque seria interminável lista.

Desde o assalto à Casa Sindical até à prisão dos operários nas casas-matas da fortaleza de São Julião da Barra, os políticos democráticos além dos vergonhosos escândalos e dos empréstimos rurais para o país, cercaram todas as liberdades: de associação, reunião, falar e escrever; encusaram as prisões operárias sem culpa formada durante meses e anos; colocaram as forças coercitivas do Estado ao serviço da plutocracia; menosprezaram os direitos e as reclamações económicas das classes trabalhadoras; consentiram que os comerciantes, moqueiros e agricultores provocassem desmedidamente a carestia da vida; presiaram-se a favorecer as mais infames negociações; sustentaram uma proteção escandalosa aos financeiros; alimentaram a guerra europeia; dispu-

zeram do país como propriedade sua; enviaram homens para a carnificina como se conduzem carneiros para o matadouro, desprovidos de tudo quanto lhes era útil, etc., etc.

Foi ainda o partido da sinistra trindade: Afonso Costa, Norton de Matos e António Maria da Silva que contribuíram na subida ao poder de Pimenta de Castro e Sídónio Pais. Resultou depois o 14 de Maio, o 5 de Dezembro, a Taurilândia, o Monsanto...

A república tem 13 anos de existência. Cabem 11 anos de duração parlamentarista ao partido democrático!

Podem-se intitular os coveiros do regime!

O povo manifesta-se contra a ditadura reaccionária. Mas é preciso que não consinta numa ditadura da Finança, da Moagem, da Indústria, da Agricultura e do Comércio.

O proletariado compete estar vigilante para não ser ludibriado.

O perigo não está ainda de todo afastado...

## O comício de anteontem

O que foi o comício de anteontem já o povo o sabe por intermédio da imprensa que à segunda-feira se publica. Hoje, apenas nos compete exteriorizar o nosso respeito pela manifestação grandiosa que o povo de Lisboa produziu contra a ditadura. Cerca de 20.000 pessoas reunidas para defender, com fervor uma ideia, representa a força formidável dessa ideia. Era a ideia da Liberdade, ameaçada por alguns aventureiros, que triunfava plenamente.

O comício foi presidido pelo dr. sr. Magalhães Lima e secretariado por Fidelino Costa, António Joaquim de Magalhães, Nascimento Cunha e Mário Salva.

O dr. sr. Magalhães Lima apresentou a seguinte moção:

“O povo de Lisboa, reunido em comício: Considerando que a intervenção do povo na administração pública é a única forma de garantir a efectividade de uma democracia pura;

Considerando que, para prestígio da liberdade, é indispensável impedir o regime das ditaduras, que se opõem, indiscutivelmente, ao desenvolvimento político, económico e financeiro da nação;

E considerando também que o povo incumbe opôr-se, por todos os meios, à transgressão das leis e dos princípios republicanos, base única da estabilidade da república;

Resolve:

1.º Significar a conveniência dos governos se apoarem sempre nas indicações e nas necessidades da opinião popular;

2.º Afirmar ao governo a urgente necessidade de enfrentar resolutamente a situação financeira e económica, aplicando inexoravelmente as respectivas sanções;

3.º Usar de uma mais ampla elasticidade de movimentos administrativos, pondo em prática resoluções que tornem inviável a possibilidade de uma ditadura política;

4.º Proclamar solenemente, à sombra da estatua da Liberdade, que se encontra disposta a defender por todos os meios as liberdades políticas existentes e a consolidação dos princípios republicanos, como a melhor forma para assegurar o progresso social.”

## Onde acabam as ditaduras

### — Os presos de Sevilha

Depois da leitura desta moção o primeiro orador que usou da palavra, foi o camarada António José Pinto, que num discurso soberbo analisou o sistema da ditadura e a impossibilidade de implantá-la em Portugal.

O orador que falava em nome dos pescadores do Sul e Sueste declarou que os ferroviários estavam sempre prontos a defender a Liberdade.

Verberou o facto dos caíramas Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos ainda se encontrarem presos em Sevilha, devido ao desleixo das entidades oficiais portuguesas.

Falou em seguida o dr. Lopes de Oliveira, pelo Partido Radical, Abel Pereira, pelo Partido Comunista e Carlos Coelho, da C. G. T.

Este último frisou com nitidez que a Confederação Geral do Trabalho, sem compromissos, com partidos que bem tem feito os interesses do operariado, combatia energeticamente a ditadura. Referiu-se, vibrando de indignação, ao facto de ainda se encontrarem presos em Sevilha, vitimados em mais odiosa ditadura, os operários portugueses Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa, sem que os governantes portugueses cumprissem o seu dever esclarecendo a situação e reclamando a sua liberdade. E neste sentido, Carlos Coelho apresentou a seguinte moção:

“O povo de Lisboa, reunido em comício público para protestar contra o regime de ditadura em Portugal, resolve:

1.º Protestar contra a prisão dos delegados da C. G. T., reclamando do Governo Português a sua interferência junto do governo ou direcção militar de Espanha, para que os mesmos sejam postos em liberdade.

As crianças partiram de Cezimbra cerca das 9 horas de manhã a 18 milhares para se arranjar um caminho que as trouxesse a Almada.

## Um discurso feliz de António Peixe

“Se há países onde os militares guardados têm menos autoridade para se impôr é em Portugal—começa por dizer o sr. António Peixe, comunista independente. Na sua maioria, recusam-se a ir para a guerra, utilizando as espadas que os ditadores agora querem manjar contra nós. E, depois de largas considerações, disse que seria injusto não fazendo justiça aos militares que souberam cumprir o seu dever e estão dispostos a lutar contra as outras espadas. Não pode deixar de fazer a análise daqueles que, traíndo os sentimentos republicanos, tornaram possivel uma ditadura das espadas.

“A atmosfera que tornou possível a ditadura criaram-na aqueles que depois de Monsanto se apoderaram do Poder. Monsanto foi escalado pelo povo e não por esses que lomaram a costa das reuniões do Governo. Para evitá-lo fizeram semelhante, não venham dizer, ao orador, que é necessário dar o seu apoio ao ministério. Depois das manifestações que no Porto e em Lisboa distinguiram o sr. Presidente da República, não é necessário mais apoio para

que o Governo meta na ordem os que roubam o país. É necessário que o medo da ditadura não sirva para fazer esquecer ao povo a situação miserável em que se encontra.

Falou a seguir o dr. Ramada Curto que num breve discurso afirmou a sua

fé na liberdade.

O dr. João Camoesas não conseguiu

fazer-se ouvir porque foi constantemente interrompido por apertos e borbotões do povo que ainda não esqueceu a sua conservadora e os ataques do Partido Democrático contra a liberdade pessoal. Não fôrmos contra o dr. João Camoesas qualquer anamadversão pessoal, porque isoladamente os esforços daquele senhor em prol da instrução são bastante apreciáveis e dignos de consideração.

Uma manifestação à Batalha que a polícia dissolveu arbitrariamente à pranchada

Quando terminou o comício grande

número de assistentes rompeu em vivas vibrantes à Batalha e à Confederação

Geral do Trabalho organizando o coro

monstro que se dirigia para a calçada do Combro. A polícia, tomando

uma atitude arbitraria, contra a qual ergueram o nosso protesto indignado,

dispersou à pranchada os manifestantes, chegando-se ao círculo de se colar

um círculo à porta da Batalha a fim

de, pela ameaça, impedir a entrada a

de umas das espadas.

“A atmosfera que tornou possível a

ditadura criaram-na aqueles que depois de Monsanto se apoderaram do Poder. Monsanto foi escalado pelo povo e não por esses que lomaram a costa das reuniões do Governo. Para evitá-lo fizeram semelhante, não venham dizer, ao orador, que é necessário dar o seu apoio ao ministério. Depois das manifestações que no Porto e em Lisboa distinguiram o sr. Presidente da República, não é necessário mais apoio para

que o Governo meta na ordem os que roubam o país. É necessário que o medo da ditadura não sirva para fazer esquecer ao povo a situação miserável em que se encontra.

Falou a seguir o dr. Ramada Curto que num breve discurso afirmou a sua

fé na liberdade.

O dr. João Camoesas não conseguiu

fazer-se ouvir porque foi constantemente interrompido por apertos e borbotões do povo que ainda não esqueceu a sua conservadora e os ataques do Partido Democrático contra a liberdade pessoal. Não fôrmos contra o dr. João Camoesas qualquer anamadversão pessoal, porque isoladamente os esforços daquele senhor em prol da instrução são bastante apreciáveis e dignos de consideração.

Uma manifestação à Batalha que a polícia dissolveu arbitrariamente à pranchada

Quando terminou o comício grande

número de assistentes rompeu em vivas vibrantes à Batalha e à Confederação

Geral do Trabalho organizando o coro

monstro que se dirigia para a calçada

do Combro. A polícia, tomando

uma atitude arbitraria, contra a qual

ergueram o nosso protesto indignado,

dispersou à pranchada os manifestantes, chegando-se ao círculo de se colar

um círculo à porta da Batalha a fim

de, pela ameaça, impedir a entrada a

de umas das espadas.

“A atmosfera que tornou possível a

ditadura criaram-na aqueles que depois de Monsanto se apoderaram do Poder. Monsanto foi escalado pelo povo e não por esses que lomaram a costa das reuniões do Governo. Para evitá-lo fizeram semelhante, não venham dizer, ao orador, que é necessário dar o seu apoio ao ministério. Depois das manifestações que no Porto e em Lisboa distinguiram o sr. Presidente da República, não é necessário mais apoio para

que o Governo meta na ordem os que roubam o país. É necessário que o medo da ditadura não sirva para fazer esquecer ao povo a situação miserável em que se encontra.

Falou a seguir o dr. Ramada Curto que num breve discurso afirmou a sua

fé na liberdade.

O dr. João Camoesas não conseguiu

fazer-se ouvir porque foi constantemente interrompido por apertos e borbotões do povo que ainda não esqueceu a sua conservadora e os ataques do Partido Democrático contra a liberdade pessoal. Não fôrmos contra o dr. João Camoesas qualquer anamadversão pessoal, porque isoladamente os esforços daquele senhor em prol da instrução são bastante apreciáveis e dignos de consideração.

Uma manifestação à Batalha que a polícia dissolveu arbitrariamente à pranchada

Quando terminou o comício grande

número de assistentes rompeu em vivas vibrantes à Batalha e à Confederação

Geral do Trabalho organizando o coro

monstro que se dirigia para a calçada

do Combro. A polícia, tomando

uma atitude arbitraria, contra a qual

ergueram o nosso protesto indignado,

dispersou à pranchada os manifestantes, chegando-se ao círculo de se colar

um círculo à porta da Batalha a fim

de, pela ameaça, impedir a entrada a

de umas das espadas.

“A atmosfera que tornou possível a

ditadura criaram-na aqueles que depois de Monsanto se apoderaram do Poder. Monsanto foi escalado pelo povo e não por esses que lomaram a costa das reuniões do Governo. Para evitá-lo fizeram semelhante, não venham dizer, ao orador, que é necessário dar o seu apoio ao ministério. Depois das manifestações que no Porto e em Lisboa distinguiram o sr. Presidente da República, não é necessário mais apoio para



NA CAPITAL DO NORTE

## A GRANDE REUNIÃO DOS MARITIMOS E FLUVIAIS

São largamente discutidos importantes assuntos todos tendentes ao robustecimento da organização sindical

PORTO, 15. — Na Associação dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro, efectuou-se, ontem, pelas 19 e meia horas, uma importante reunião de militantes e de direções de todas as classes marítimas e fluviais do Porto, Gaia e Leixões.

Foi, incontestavelmente, uma verdadeira conferência inter-sindical, promovida pelos devidos esforços do Comitê do Norte da Federação Marítima.

Nesta magna assembléa estavam representados os seguintes organismos: Associações da Classe dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro, Serradores da Construção Naval do Rio Douro, Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia, Carpinteiros da Construção Naval, Maquinistas Fluviais, Trabalhadores Fluviais do Porto e Gaia, Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar de Leixões, Fogueiros de Mar e Terra, Calafates do Porto, Gaia e Leixões e Marítimos do Foz do Douro.

A Delegação Federal e a União dos Sindicatos igualmente estavam representadas.

## Os fins da reunião

A mesa é constituída por Felisberto Baptista, presidente, e por Izidoro da Silva Almeida, dos fragateiros, e José Joaquim da Silva, dos fluviais.

Joaquim do Carmo, em nome do Comitê Marítimo, expõe, claramente, quais os fins da reunião. O Comitê que ali representa não tem outra aspiração, senão o de desenvolver o mais lata perfeitamente possível a organização da imensa família marítima e fluvial do norte — dando-lhe uma maior actividade, uma estrutura mais consentânea com a técnica organizativa moderna, uma orientação mais actualizada com as aspirações emancipadoras que todas as classes proletárias esperançadamente acalentam nos seus corações oprimidos. As classes marítimas e fluviais não podem ficar indiferentes, não só perante a solidariedade fraterna que se devem entre si, mas também ante a solidariedade universal que deve haver, indissoluvelmente, entre todos os trabalhadores escravizados e contra os quais a burguesia secretamente vai apurando sua engrenagem de sólida união — implicitamente incluindo-a a todos que façam o mesmo, se queremos ser livres, se não queremos ser esmagados ao pé do brutal domínio feroz, iraniano, sem precedentes na história.

Por isso é que há uma absoluta necessidade de aperfeiçoar os nossos organismos sindicais, para isso é que o Comitê da Federação Marítima do Norte promove esta reunião de militantes e direções — apreciando, retocando e aprovando os trabalhos que lhe serão presentes.

## Felisberto Baptista

antes de dar princípio aos trabalhos, agradece pelo honorável a deferência que a assembleia dispensou à Delegação da C. G. T.

Pela natureza dos trabalhos que vão ser discutidos, não pode deixar de reconhecer o grande alcance moral e perfeccionista que esta grande reunião traz — é essa a sua crença — para o desen-

## Na ordem da noite

Depois de lido o expediente, entre o qual um ofício da Delegação Coniede-

A' U. S. O. do Porto dão a sua adesão alguns organismos importantes

PORTO, 15. — Em assembleia ordinária, reunião a União dos Sindicatos Operários, sob a presidência do delegado do S. U. Metalúrgico, que teve como secretários os representantes dos Empregados no Comércio e Liga das Artes Gráficas.

Estarão presentes os delegados dos S. Únicos das Indústrias do Vestuário, Mobiliário, Construção Civil e Calçado, Couros e Peles e as associações dos Litógrafos, Artes de Viação, Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, Chapeleiros e Manipuladores de Pão.

Tomaram posse os novos delegados dos seguintes organismos: União dos Empregados no Comércio, Carregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia e Chapeleiros.

Com satisfação se registraram as adesões das importantes classes marítimas dos serradores da Construção Naval e dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto de Leixões, cujos delegados igualmente tornaram-se possíveis.

Santos Vizeu, Felisberto Baptista, Joaquim da Silva, Caetano Ralha e João Lázaro saíram elusivamente os novos organismos que acabaram de se integrar na organização operária em geral, devido aos esforços e à propaganda tem que o Comitê da Federação Marítima no norte tem incansavelmente desenvolvido. Este acontecimento demonstra também que o operariado vai compreendendo a necessidade de estreitar os laços da sua solidariedade, sem o qual jamais será possível ver realizada a sua ansiada emancipação económica e social da mancha integral e positiva.

Felisberto Baptista e Santos Vizeu reuniu-se pela integração do camarada Joaquim do Carmo como delegado da sua Associação a esta Central local, depois de fizarem que as infâncias levantadas contra aquele camarada fôram a baixa e reles invenção dum grupo de inconscientes e maldosos que pretendiam, com as calúnias, não só inutilizar um militante, mas alvejar a própria organização operária e sindicalista revolucionária. Felizmente, essas calúnias fôram desfeitas e repelidas pera a própria colectividade a que pertence Joaquim do Carmo.

Depois de todos os delegados da União se levantarem numa manifestação de simpatia ao referido camarada Joaquim do Carmo, este resolve modificar a sua opinião quanto à espera de 10 dias para resolver se sim ou não devia aceitar o cargo de delegado, tornando também posse do seu lugar.

Apenas mantém o seu prazo concedido quanto aos outros cargos para que fôr nomeado.

Foi nomeado Mário Afonso para representar a União em várias reuniões que se vão efectuar na classe dos marítimos da Foz do Douro.

Nomeou-se igualmente uma comissão de 3 membros, a fim de estudar a melhor forma de se pôr em prática a solidariedade que os organismos devem prestar aos operários chapeleiros em geral.

Depois de lido um ofício da Liga das Artes de Viação Portuense, apelando para a organização operária auxiliá-la na compra do prédio onde está instalada, o delegado da referida Liga reuniu-se largamente ao assunto, reputando-o dum absoluta condição de vida ou de morte para a sua classe, visto que, se fôr obrigada a sair da casa onde tem o seu sindicato, dificilmente encontrará outro nas proximidades da Companhia. A deslocação do sindicato para distância seria um prejuízo grande para a unificação da sua classe — o que aprovou-se ao sindicato da Boa Vista. Apela, pois, para que os delegados presentes procurem dentro dos seus organismos colocar uns títulos provisórios na importância de 10.000.000 de juro de 10%, facilitando assim que a Liga das Artes de Viação possa já no próximo dia 10 de Março contribuir com a primeira prestação de 15.000.000.

O ofício acima mencionado baixa à C. A. da União, para ser estudado.

Como a hora fôsse adiada, a ordem da noite sobre as prisões de Manuel Joaquim de Sousa e Manuel Campos, a situação de A Batalha, missão do povo alemão, operários grevistas de Cezimbra, etc., ficou para ser tratada mais convenientemente numa outra reunião extraordinária delegados e direções.

volvimento e futuro das classes fluviais e marítimas robustamente ilaqueadas pelos laços indestrutíveis da sua organização sindicalista.

Assistiu, com prazer, ao Congresso Marítimo, onde fôra notada a adesão à C. G. T., a qual, infelizmente, ainda não fôra na totalidade cumprida, embora já muito se tivesse caminhado nesse sentido, como ultimamente se tem verificado aqui, no norte. A propaganda que o Comitê da Federação Marítima tem desenvolvido para o levantamento da organização das classes marítimas e fluviais, impulsionando-a para uma direcção mais harmônica com as hodiernas táticas sindicais, exercendo tóda a sua influência salutar para que ela se integre nos quadros sindicais da organização geral — é deveras admirável, inacreditável, digna de tóda a admiração e do mais irregatável e entusiástico aplauso.

A união férrea que o capitalismo, nas suas forças de misteriosas conspirações contra o proletariado, está forjando — deve opôr-se a franca solidariedade de todos aqueles que trabalham e são duramente explodidos não sómente dos seus direitos naturais e uma existência física, mas também daqueles direitos a uma vida espiritual, intelectual e social.

Para que as classes marítimas, com o seu silêncio lamentável a tudo quanto se passa, não facilitem o movimento de reacção que a burguesia desenvolve, devem robustecer os seus organismos profissionais e definir, franca e definitivamente, a sua situação perante a C. G. T.

Esperei, pois, que os trabalhos decorram serenos e que resultem excelentes os resultados desta reunião, para que o bom surja para o levantamento moral, profissional, económico e social de todas as classes marítimas e fluviais do norte.

## Inácio Santos Vizeu

em nome da União dos Sindicatos Operários, saúda as classes marítimas e fluviais representadas e manifesta o seu respeito pela forma como a sua organização é stata desenvolvida e concretizada, a sua situação perante a C. G. T.

Esperei, pois, que os trabalhos decorram serenos e que resultem excelentes os resultados desta reunião, para que o bom surja para o levantamento moral, profissional, económico e social de todas as classes marítimas e fluviais do norte.

Na reunião, o seu presidente, Francisco Caetano, dos carpinteiros e naval, e o seu vice-presidente, António Fernandes da Cruz, dos carregadores e descarregadores, fizeram a sua declaração.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os delegados da União dos Trabalhadores Fluviais, que fôrão os calafates da União, se juntaram a todos os sindicatos que se encontram presentes.

Assim, os deleg

